

<b>Cliente:</b> Richet Medicina & Diagnóstico – Dr. Helio Magarinos T. Filho	
<b>Veículo:</b> Jornal O Globo	<b>Data:</b> 05/02/2018
<b>Colunas/Editoria:</b> Sociedade	<b>Página:</b> 20



| **Sociedade** |

# Um em cada dois diabéticos não tem diagnóstico

De acordo com levantamento, mais de 425 milhões de adultos no mundo têm a doença

**ANA PAULA BLOWER**  
[apaula.blower@oglobo.com.br](mailto:apaula.blower@oglobo.com.br)

Atualizado desde 2000, o Atlas do Diabetes vem apontando uma tendência alarmante sobre a doença no mundo. Segundo o último levantamento feito pela Federação Internacional de Diabetes (IDF, na sigla em inglês), relativo a 2017, mais de 425 milhões de adultos têm a doença no mundo, dez milhões a mais do que há dois anos. Ainda de acordo com a organização, uma a cada duas pessoas não sabe que é diabética.

O levantamento tem, ainda, dados com recorte por país e região geográfica. O Brasil aparece em quarto lugar na quantidade de pessoas com a doença: são 12,5 milhões com ou sem diagnóstico. Em relação ao público infantil, o país aparece em terceiro lugar, com 88.300 crianças e adolescentes portadores da enfermidade, atrás apenas de Índia e Estados Unidos.

Entre os motivos para o avanço da doença, apontam especialistas e organizações médicas, estão maus hábitos alimentares, estilo de vida sedentário ou com pouca atividade física, além de uma possível falha das campanhas de sensibilização do público de alto risco para desenvolver o diabetes.

— É um cenário que vem se perpetuando e piorando. O dado de que 50% das pessoas não sabem que têm a doença já vem se mantendo desde a última década, e não mudamos as estratégias para sensibilizar aqueles com fator de risco — ressalta Alexandre Hohl, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia (SBEM). — É um número gigantesco de pessoas que deveriam estar se cuidando e não estão.

O médico destaca que o Brasil oscila entre a quarta e a quinta posições nas últimas edições do Atlas e que, apesar de já ter um lugar nada desejado no pódio, os números da doença no país são subestimados e devem ser ainda maiores.

Apontar apenas as falhas não é o bastante. Para conseguir atingir de maneira positiva quem corre o risco

de desenvolver a doença, como pessoas obesas, com sobrepeso e histórico familiar, é preciso detectar a melhor forma de chegar a elas. Por ser uma doença silenciosa, o desafio está em tocar quem não apresenta sintomas. É possível passar anos nesse estágio.

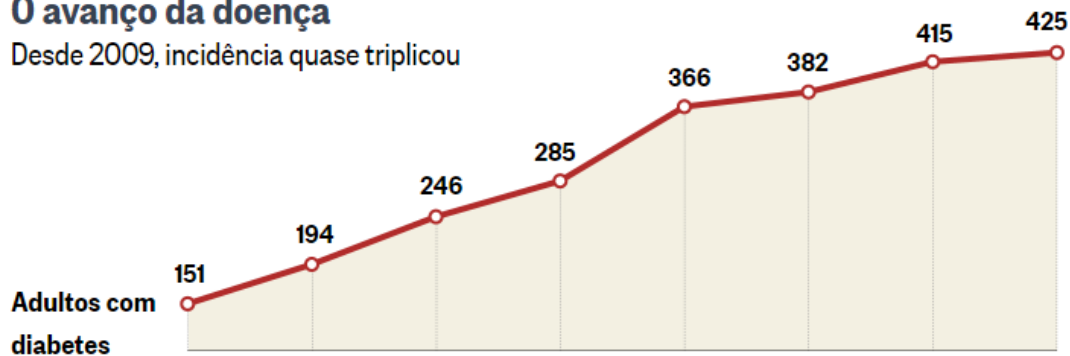
— A linguagem tem que mudar. Talvez tenhamos que recorrer a outras formas de comunicação, como as redes sociais, ou criar novas maneiras de impactar quem pode ter diabetes em qualquer idade, mas, principalmente, depois dos 40 anos — acredita Hohl.

O diabetes faz com que a glicose se deposite nos vasos sanguíneos antes mesmo de qualquer sintoma. Quando há manifestação clínica, a doença já está na fase avançada, sendo mais difícil de se controlar. O diagnóstico precoce é o ideal.

— O diabetes é uma doença de fácil detecção e, por isso, vale a pena fazer os exames periódicos. Além disso, pessoas diabéticas, com simples mudanças de hábitos, conseguem manter os níveis de glicose estabilizados e evitam que a doença evolua com rapidez — diz Helio Magarinos Torres Filho, patologista clínico, membro da Sociedade Brasileira de Patologia Clínica do Rio de Janeiro e diretor médico do Richet.

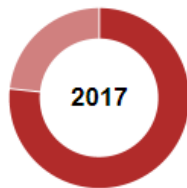
## O avanço da doença

Desde 2009, incidência quase triplicou



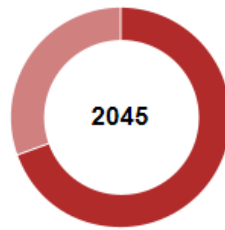
## Diabetes por idade

98 milhões  
65 a 79 anos



327 milhões  
20 a 64 anos

191 milhões  
65 a 79 anos



438 milhões  
20 a 64 anos

Fonte: IDF

O GLOBO

## BEBÊS SÃO AFETADOS NA GRAVIDEZ

Segundo o levantamento da IDF, o número de pessoas que podem ter a doença aumentou em 34 milhões desde 2015. A supervisora de vendas Flavia de Abreu, de 33 anos, só descobriu que grande parte da família materna tinha a doença ao contar para a mãe que suas taxas de glicose tinham passado do limite durante a gestação do segundo filho.

**Cliente:** Richet Medicina & Diagnóstico – Dr. Helio Magarinos T. Filho

**Veículo:** Jornal O Globo

**Data:** 05/02/2018

A mudança teve que ser radical, ela diz. Quando o menino nasceu, em novembro de 2016, ela continuou acompanhando as taxas de glicose, que não diminuíram. Assustada com o que ouvia de seus familiares, buscou uma endocrinologista e começou a fazer uso de medicação e dieta regrada desde o final de 2017.



**Mudança.** Flávia faz dieta para estabilizar taxa de glicose alta, descoberta na gravidez: sobrepeso e histórico familiar entre as causas

O Brasil aparece em quarto lugar na quantidade de pessoas com a doença: são 12,5 milhões com ou sem diagnóstico

# CONTE<sup>X</sup>TO

— Na gestação, estava muito cansada, com sobrepeso, 29 quilos acima do meu ideal. Eu não era de comer legumes ou verduras. Tive que mudar da água para o vinho — conta Flavia, que garante não ter cometido nenhuma “derrapada” desde que iniciou o tratamento e repetirá os exames em abril para avaliar se as mudanças surtiram mesmo efeito.

Ainda de acordo com o Atlas, um em cada seis bebês nascidos foram afetados pela hiperglicemia na gravidez. O levantamento também mostra que um

em cada 14 adultos, de 20 a 79 anos, tem intolerância à glicose diminuída.

Em relação à mortalidade, metade das quatro milhões de pessoas que morreram em decorrência de diabetes tinha idade superior a 60 anos.

Os dados do IDF também evidenciam que os custos relacionados à doença são muito altos: US\$ 727 bilhões foram gastos com diabetes no mundo em 2017, o que corresponde a mais de R\$ 2,3 trilhões. Deste total, o Brasil atingiu a quantia de R\$ 77 milhões. ●